



CÔ A VISÃO

CULTURA E CIÊNCIA

N.º 8 – ano de 2006

CÂMARA MUNICIPAL
DE VILA NOVA DE FOZ CÔA
2006



**ACTAS DO II CONGRESSO DE ARQUEOLOGIA
DE TRÁS-OS-MONTES, ALTO DOURO
E BEIRA INTERIOR**

PUBLICAÇÃO A CARGO DOS SERVIÇOS
CULTURAIS DA CÂMARA MUNICIPAL
DE VILA NOVA DE FOZ CÔA

CÔAVISÃO

CULTURA E CIÊNCIA

N.º 8 – ano de 2006

Este número de CÔAVISÃO publica exclusivamente as Actas do II Congresso de Arqueologia de Trás-os-Montes, Alto Douro e Beira Interior, organizado entre 19 e 21 de Maio de 2005, em Vila Nova de Foz Côa

Trabalho coordenado por:
António do Nascimento Sá Coixão

Foto da capa:

Pormenor de Arquitectura rural na freguesia de Sto. Amaro

Composição e impressão:

Tipografia Lobão, Lda.

Rua Quinta do Gato Bravo, 5

2810-069 Almada

Tel. 21 255 98 90 – Fax 21 255 98 99

geral@tipografialobao.pt www.tipografialobao.pt

Depósito Legal:

242718/06

ISBN 972-8763-16-6

EDIÇÃO:

CÂMARA MUNICIPAL DE VILA NOVA DE FOZ CÔA

2006

Índice

Prefácio	5
<i>Emílio António Pessoa Mesquita, Presidente da Câmara de Vila Nova de Foz Côa</i>	
Introdução	7
<i>António do Nascimento Sá Coixão</i>	
Metalurgia de Ervamoira – Vale do Côa: estudo das peças	9
<i>J.A. Gonçalves Guimarães e Eva Baptista</i>	
O sítio arqueológico da Quinta dos Bons Ares, Sebadelhe, Vila Nova de Foz Côa	17
<i>J. A. Gonçalves Guimarães</i>	
Objectos arqueológicos e outros de Trás-os-Montes e Alto Douro na Colecção Marciano Azuaga (Solar Condes de Resende, Vila Nova de Gaia)	25
<i>J. A. Gonçalves Guimarães, Eva Baptista e Fátima Teixeira</i>	
Agricultura y antropización del paisaje en Portugal desde una perspectiva palinológica.....	41
<i>José Antonio López Sáez, Domingos J. Cruz</i>	
Métodos de Mapeamento das Dinâmicas Erosivas em Acção nos Painéis de Arte Rupestre do Vale do Côa	50
<i>António Pedro Batarda Fernandes, Maria T. Rico e Jennifer K. K. Huang</i>	
A Ponte internacional de Barca d’Alva - La Fregeneda no contexto da construção da Linha do Douro até Salamanca	60
<i>Emílio Rivas Calvo e Carlos d’Abreu</i>	
A Ponte ferro-rodoviária do Pocinho – um monumento da Arqueologia Industrial que urge preservar	90
<i>Carlos d’Abreu e Emílio Rivas Calvo</i>	
Escavar na Língua.....	112
<i>António Alberto Rodrigues Trabulo</i>	
O Sítio Arqueológico do Rumansil I	118
<i>António N. Sá Coixão e Tony Silvino</i>	
A arte rupestre no concelho de Tondela: Uma perspectiva diacrónica.....	138
<i>André Tomás Santos, António Cheney e Augusto Jorge Avelaira</i>	
Da ambiguidade das margens na Grande Arte de ar livre no Vale do Côa. Reflexões em torno da organização espacial do santuário Gravetto-Solutrense na estação da Penascosa/Quinta da Barca....	156
<i>António Martinho Baptista, André Tomás Santos e Dalila Correia</i>	
Relatório das escavações arqueológicas do ano de 2005 – Sítio de Castanheiro do Vento (Horta do Douro, Vila Nova de Foz Côa)	185
<i>Vítor Oliveira Jorge, João Muralha, Leonor Sousa Pereira, Ana Margarida Vale, Gonçalo Leite Velho e António Sá Coixão</i>	
Achegas para o estudo do povoamento calcolítico da Beira Interior. O pequeno habitat das Carvalheiras (Sabugal)	205
<i>Elisabete Robalo e Marcos Osório</i>	

O sítio arqueológico da Quinta dos Bons Ares, Sebadelhe, Vila Nova de Foz Côa

J. A. Gonçalves Guimarães*

Na periferia da casa da Quinta dos Bons Ares (Sebadelhe, Vila Nova de Foz Côa) desde 1986 encontramos diversas estruturas e vestígios romanos dos quais damos conta nesta primeira comunicação, relacionando-os com os existentes no território circundante.

Serve também esta análise de preâmbulo à intervenção arqueológica no sítio, a qual, a avaliar pelos vestígios encontrados à superfície, deverá revelar uma bem interessante ocupação dos séculos III e IV, talvez uma «villa» rústica.

1. Introdução

Na sua *Carta Arqueológica do Concelho de Vila Nova de Foz Côa*¹, António do Nascimento Sá Coixão refere o seguinte: «o Sítio [arqueológico da Quinta dos Bons Ares] aparece referenciado em artigos e comunicações do Arqueólogo Mestre Dr. Gonçalves Guimarães – Vila Nova de Gaia». Efectivamente, tendo-o visitado pela primeira vez em 1986², logo dei conta do seu enorme interesse arqueológico motivado pelos diversos materiais do período romano bem evidentes à superfície do terreno em volta da casa da Quinta. Desde então procurei sensibilizar a entidade proprietária para a necessidade da realização de sondagens arqueológicas que determinassem o real interesse das ruínas subjacentes às actuais construções e qual a sua verdadeira extensão, pois os materiais referenciados encontram-se dispersos numa larga área, talvez arrastados pelo arado, ou já pelo tractor, que em tempos lavraram os terrenos onde os mesmos aparecem. Fomos igualmente referindo essa preocupação em diversos relatórios, artigos e notas, sempre que tal se mostrava oportuno³.

Como as sondagens propostas ainda não foram feitas, tendo entretanto avançado enormemente o conhecimento da arqueologia romana na região, procurando corresponder àquela simpática referência do nosso Colega que mais e melhor a conhece, entendemos fazer este primeiro ponto da situação sobre o que efectivamente sabemos, sobre o interesse arqueológico daquele sítio, sintetizando tudo o que chegou ao nosso conhecimento⁴.

2. Localização

Na já referida *Carta Arqueológica ...*, a estação vem localizada no «termo da freguesia de Touça..., coordenadas M-274,5 e P-454,8 (Carta Militar 1:25.000 – Folha 140). Cota aproximada – 630 metros. O acesso faz-se a partir da freguesia de Touça pela E.N. 222, ficando os vestígios na zona da implantação das actuais casas (no cimo de um morro suave)»⁵.

Não pretendendo criar aqui um problema de limites de freguesia, a documentação sobre a propriedade adquirida pela Casa Ramos Pinto, na década de oitenta do século XX, diz que a mesma se localiza na freguesia de Sebadelhe⁶; na obra *Toponímia do Concelho de Vila Nova de Foz Côa – Ensaio*, também de António do Nascimento Sá Coixão, a Quinta dos Bons Ares aparece como um dos topónimos de Sebadelhe⁷. Portanto mantemos a sua referência a esta freguesia. Fica situada do lado norte da estrada que liga esta povoação à Touça, ocupando uma área que se estende à cota média de 626 metros de altitude, enquadrada a norte, e já fora da propriedade, por um cabeço que atinge os 659 metros (Monte de Santa Eufémia). Mais para nordeste localiza-se a vila de Freixo de Numão.

* Arqueólogo; membro efectivo do Gabinete de História, Arqueologia e Património (ASCR-CQ).

O solo é saibrento, amarelado, abundando na periferia o granito de grão grosseiro, feldspato e biotite acentuados.

A casa da Quinta assenta sobre um plinto artificial, com sólido muro de granito na extremidade sul de um cabeço coroado por um extenso rectângulo de terreno, que assim a sobreleva em relação às redondezas tornando-a visível a partir de muitos quilómetros em redor. Avista-se, por exemplo, do cimo das muralhas do Castelo de Numão. No lado leste deste rectângulo ficam situadas mais algumas construções, tendo todas elas sido refeitas no final da década de oitenta do século passado. Todo este rectângulo esteve até à referida década ocupado por uma vinha, tendo na sua parte norte sido construído, também naquela época, um depósito de água enterrado e, mais recentemente, outra construção.

Existem outros edifícios na Quinta fora deste núcleo habitacional, tais como um lagar tradicional e modernas instalações vinícolas, mas que não interessam para o caso.

O terreno é quase totalmente ocupado pela vinha, havendo, no entanto, quer junto à entrada do lado sul, quer junto ao próprio complexo habitacional, diversas árvores, algumas de porte considerável. No lado poente na propriedade contígua cultivam-se ainda campos de cereal (2004).

3. Enquadramento toponímico

Sendo as actuais freguesias consequência administrativa da evolução das antigas paróquias mediélicas, algumas delas da Alta Idade Média, a toponímia pode fornecer-nos alguns dados anteriores a esta organização, baseada em referências económico-religiosas, segundo o princípio uma povoação, uma igreja, uma paróquia.

Na delimitação entre Freixo de Numão a NO, a Touça a SO, Sebadelhe a SE e Horta de Numão, mais longe, a Poente, fica a Quinta dos Bons Ares.

Existem aqui alguns antropónimos evidentes, como Quinta do Lamelas ou Tapada do Pereira, e geotopónimos, como Cabeço ou Quinta da Lameira; porém os topónimos mais interessantes, e porventura mais antigos, são os seguintes:

- Numão** – Numão, Freixo de Numão, Horta de Numão, Terra do Rei Nemão: do nome pessoal árabe *Nu'man*, proprietário ou militar muçulmano aqui fixado no século VIII ou pouco depois⁸.
A referência conhecida mais antiga é do ano 960, sob a forma *Nauman*⁹.
- Sebadelhe** – de *Sabbatellus*, antropónimo provavelmente de origem hebraica, de *Sabbatus* (sábado), através do latim *Sabbatum*, o qual, germanizado, teria dado uma «villa» *Sabbatelli*, já existente pelo menos no século VI, e daí *Sabbatelle*>*Sabadelhe*>Sebadelhe; indica pois a existência de uma grande propriedade agrária¹⁰.
- Touça** – do latim *taucia*, de base pré-romana, local onde existia uma árvore de grosso caule e grosso raizame, como o castanheiro¹¹.

Na microtoponímia temos:

- Ínsua** – F. Sebadelhe; do latim *insula*, que tanto pode significar uma porção de terra isolada, por águas, muros, etc., ou ainda uma «villa» predial, o que carece de documentação arqueológica¹².
- Palames** – F. Touça; que noutros locais deu *pelames*, local de curtimento de peles¹³.
- Pouça** – F. Touça; talvez por poça, do latim *puteu*, ou de pousadouro, local onde se descansa após a subida, do latim *pausa*¹⁴.
- Praina** – F. Touça; o mesmo que plaina, terra chã, do latim *planam*¹⁵.
- Presura** – F. Sebadelhe; de presa (de água) do latim *presa*, ou reminescência de antiga propriedade medieval obtida por *presuria*, i.é, pela força das armas?¹⁶.

Proviceira – F. Touça; do latim *proficere*, que deu *profectu* – e daí «proveito», referindo-se proviceira a terreno, ou terra aproveitada, arroteada ¹⁷.

Quinchoso – F. Sebadelhe; o mesmo que conchoso, do latim *conclausu* -, prédio fechado ¹⁸.

Rabaça – F. Touça; do latim *rapacia*, é uma umbelífera tóxica, também conhecida como embude, e cujo nome científico é *Oenante crocata* L., se bem que parente da *Pastinaca sativa* L., muito apreciada pelos latinos e que só foi suplantada no século XI pela cenoura ¹⁹.

Outros topónimos aqui existentes são mais óbvios nos seus significados. Daqui se segue que a maior parte dos existentes em volta da Quinta dos Bons Ares são de origem latina ou romanizada, sendo os de maior antiguidade Sebadelhe e, possivelmente, Ínsua. No entanto é o topónimo Numão, arábico ou, pelo menos, semita, podendo ser anterior às invasões árabes se aqui tivesse vindo por via sefardita, o que não cremos por estar ligado ao castelo, aquele que domina a medievalização do espaço das freguesias de Sebadelhe e da Touça.

A análise toponímica não nos elucidava pois muito sobre a ocupação pré-mediévia do território. Vejamos o que nos diz a Arqueologia.

4. Enquadramento arqueológico

Na *Carta Arqueológica do Concelho* ... já referida, em volta da Quinta dos Bons Ares - não considerando por ora a vila de Freixo de Numão e os seus arredores, sobre os quais existe já um notável conjunto de informação arqueológica - no triângulo formado por aquela quinta e as povoações da Touça e de Sebadelhe, António do Nascimento Sá Coixão encontrou os seguintes sítios arqueológicos romanos, tardo-romanos e medievais:

Na periferia de Sebadelhe a SO, no lugar de Soutinho ou Vale de Junco encontravam-se, na vertente sul do sítio chamado Castelo, materiais de construção romanos e cerâmica de grandes dimensões, podendo tratar-se de uma granja ou de uma «villa» rústica. Porém tudo foi destruído em 1999 para plantar uma vinha ²⁰.

Praticamente no mesmo paralelo, mas para SE daquela povoação, junto à Quinta das Vendas, foram igualmente encontrados materiais de construção romanos e cerâmica comum, que indiciam a existência de uma outra granja ou de uma «villa» rústica ²¹.

Na periferia da Touça, para SO da povoação, no Vale de Traz da Serra, num olival, encontram-se vestígios de materiais de construção romanos e cerâmica de grande porte, o que poderá indiciar mais uma granja romana ²².

Dentro da área urbana da própria povoação da Touça, no lugar do Chão da Cortinha, a poente e norte da igreja matriz, foram encontrados materiais de construção romanos, nomeadamente uma base de coluna em granito, e moedas dos séculos II e III ²³.

Na periferia imediata da Quinta dos Bons Ares, a NO, no lugar de Vale das Mós, nos finais dos anos sessenta do século passado, aquando dos trabalhos agrícolas, foram destruídos dois fornos ainda com cerâmica no interior, além de vestígios de construções e sepulturas. Mesmo assim ainda foi possível constatar a existência de estruturas e grande quantidade de cerâmica romana e medieval, tendo sido recolhidos cerca de 20 pesos de tear em barro e uma base de coluna em granito. O próprio topónimo deve referir-se a mós manúarias e a tradição local chama-lhe Touça Velha, o que poderá indiciar a existência de uma «villa» romana que evoluiu para quinta ou aldeia medieval, até ser abandonada em data ainda desconhecida ²⁴, mas possivelmente no século XIII: em 1242 D. Abril Peres do Lumiar tomou pela força a «Granja Nova de Cima da Touça» depois de matar ou mutilar alguns homens ²⁵.

Mesmo na periferia do muro que circunda a Quinta dos Bons Ares, junto ao portão sul da propriedade, lado O, no caminho que da estrada 222 leva ao monte de Santa Eufémia, no cruzamento do

Espírito Santo, no lugar da Proviceira, que em 1527 tinha 4 vizinhos, terá existido uma capela daquela invocação, tendo sido aí encontrados restos de materiais de construção medievais²⁶.

Temos assim que o sítio arqueológico dos Bons Ares, logo à partida, é apenas mais um na malha da ocupação romana a SO de Freixo de Numão, entre a ribeira de Sebarigos e a ribeira do Prado, afluente da ribeira da Teja, em cujo vale existem ainda outros vestígios de ocupação romana.

A pouca expressão dos vestígios medievais é coerente com a desertificação pós-romana da região, talvez motivada pela incidência de uma vaga de paludismo de origem norte-africana para o qual as populações não tinham imunidade, e que poderá ter coincido com a instalação dos bárbaros, aqui muito ténue, se comparada com a pujança de povoamento romano.

5. Estruturas e vestígios romanos dos Bons Ares

Vejamos então que estruturas e vestígios romanos encontramos na Quinta dos Bons Ares.

a- Materiais de construção

Quer no muro que serve de plinto ao assento da casa da Quinta, quer noutros muros que lhe são perpendiculares do lado Nascente, encontramos silharia com aspecto de trabalho de pico antigo e, mais especificamente, fragmentos de fustes e até base de uma coluna²⁷.

Quer em volta deste muro de suporte, quer na área em frente à casa, um pouco por todo o lado encontram-se inúmeros fragmentos de *tegulae*, tendo já sido considerados num estudo por nós realizado na década de oitenta do século passado, como sendo de um único tipo (4c-SME), muito comum na estação arqueológica de Ervamoira (Vale do Côa) e em recolha que também efectuamos em S. Salvador do Mundo, S. João da Pesqueira. Trata-se de *tegulae* de um período tardio, séculos IV-V²⁸.

b) Cerâmica

Também no mesmo local se encontram inúmeros fragmentos de cerâmica comum de diferentes fabricos e tipologias, além de alguma *sigillata*.

c) Outros objectos de uso doméstico

São abundantes os pesos de tear em forma de pirâmide truncada de base quadrada e os em forma de paralelepípedo, todos com um único orifício.

Foi ainda encontrado um fragmento de taça ou pratel em calcário branco, com asa horizontal junto ao bordo.

d) Objectos metálicos

Igualmente abundantes os rojões de escória ferrosa dos quais se recolheram amostras.

e) Numismas

Na área norte do sítio, no local onde foi aberto o terreno para a implantação de um depósito de água, em 1986 encontramos uma moeda com as seguintes características:

GALLIENUS

Nu; Bronze; Mediolanum; 253-260.

Anverso: GALL[IE]NVS [P] AVG; cabeça radiada à direita (K).

Reverso: LAETITIA AVG; Laetitia virada à esquerda, segurando coroa e ancora.

Peso: 2,764 gr.; Ø 14 mm; esp. 1 mm; eixo 6.

Bibliografia: RIC, vol. V, vol. 489, p. 173 e LRBC parte I²⁹.

Conclusão

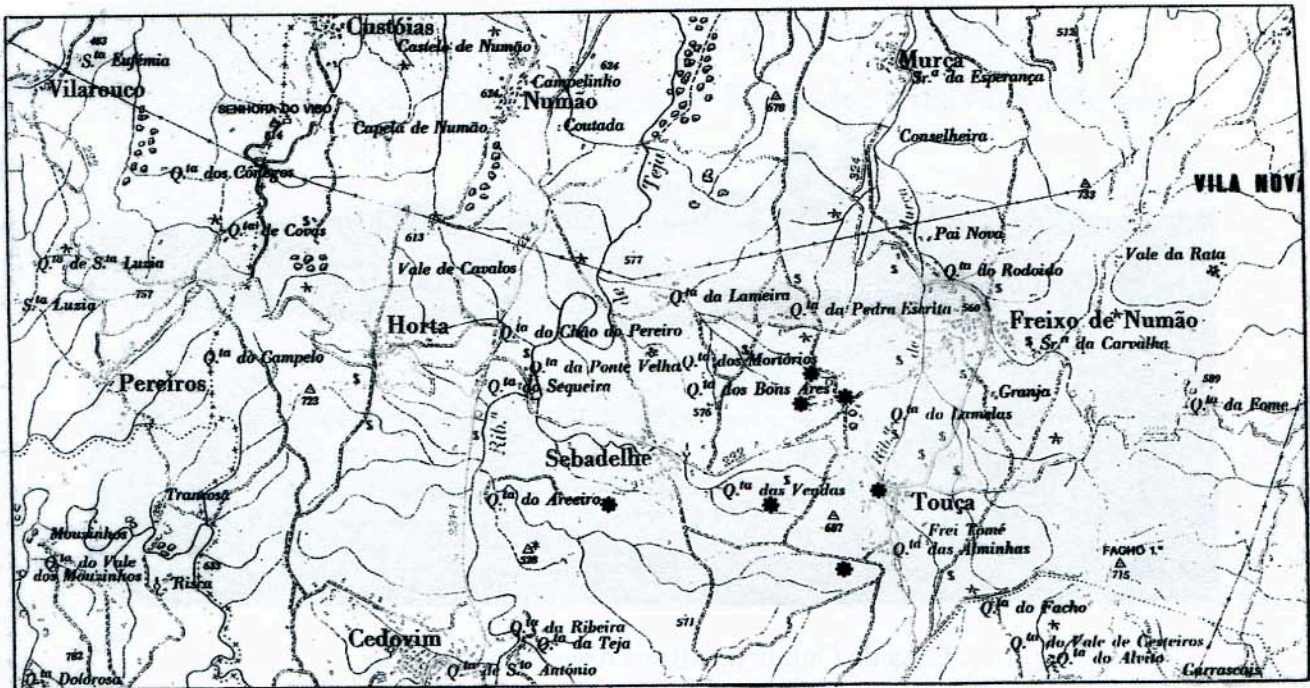
O sítio arqueológico romano da Quinta dos Bons Ares domina a paisagem circundante e é avistado de longe no território onde se encontra. Nas suas imediações existem igualmente outros sítios arqueológicos com materiais idênticos. A falta de intervenção em todos eles, ou mesmo a sua destruição, não permitem uma hierarquização ou sequer uma compreensão mais profunda do povoamento romano da região, o que só será possível com a realização de escavações que possibilitem a sua correcta interpretação.

A valorização do sítio arqueológico da Quinta dos Bons Ares impõe-se, não só porque os seus vestígios são por demais evidentes, mas também como um pequeno tributo a conceder à memória daqueles que aqui viveram vai para 1800 anos provavelmente amanhando já as suas vinhas. A transformação da paisagem para fins privados bem pode despender alguns lucros auferidos com tal alteração na preservação da memória colectiva.

Notas

- 1 Cf. COIXÃO, António do Nascimento Sá (1996) – *Carta Arqueológica do Concelho de Vila Nova de Foz Côa*. Câmara Municipal, p. 133 e *idem* (2000), *idem, ibidem*, 2ª edição, p. 255.
- 2 Visitamos esta quinta em 1986 na companhia da arqueóloga Dr.ª Maria da Graça Peixoto e do então administrador da Casa Ramos Pinto, Senhor Ricardo Nicolau de Almeida; depois desta data passamos por lá em diversas ocasiões, a última das quais em Maio de 2004.
- 3 Para além de diversos relatórios por nós elaborados com referências ao interesse arqueológico da Quinta dos Bons Ares, veja-se GUIMARÃES, J. A. Gonçalves (1993) «Alguns materiais arqueológicos de estações da margem sul do Rio Douro: as *tegulae*». In *Lycerna*, II série, vol. III (Actas do VI Colóquio Português de Arqueologia – 1987). Porto: Centro de Estudos Humanísticos, p. 224 e seguintes.
- 4 Temos vagas indicações de que ao longo dos anos foram aparecendo nas imediações da casa da Quinta diversos materiais arqueológicos, nomeadamente pesos de tear, que foram sendo recolhidos como curiosidades.
- 5 Cf. COIXÃO 2000:225.
- 6 Informação fornecida pela Administração da Casa Ramos Pinto.
- 7 Cf. COIXÃO, António do Nascimento Sá (1998) – *Toponímia do Concelho de Vila Nova de Foz Côa – Ensaio*. Câmara Municipal, p. 63.
- 8 Cf. FERNANDES, A. de Almeida (1999) – *Toponímia portuguesa – Exame a um dicionário*. Arouca, 1999, p. 445.
- 9 Cf. *Portugaliae Monumenta Histórica – Diplomata et Chartae*, I, p. 50/51; FERREIRA, J. A. Pinto (1953) - «Antiguidades de Numão» in *Boletim Cultural*, vol. XVI. Porto: Câmara Municipal, p. 205 e seguintes.
- 10 Cf. FERNANDES, A. de Almeida (1997) – *Paróquias suévas e dioceses visigóticas*. Arouca: Associação para a defesa da cultura arouquense/Câmara Municipal de Tarouca, p. 167, e FERNANDES 1999:539.
- 11 Cf. FERNANDES, A. de Almeida (2001) – *Toponímia de Ponte de Lima – II Estudo toponímico*. Arquivo de Ponte de Lima, p. 228.
- 12 Cf. FERNANDES 2001:131.
- 13 *Idem, idem*, p. 170.

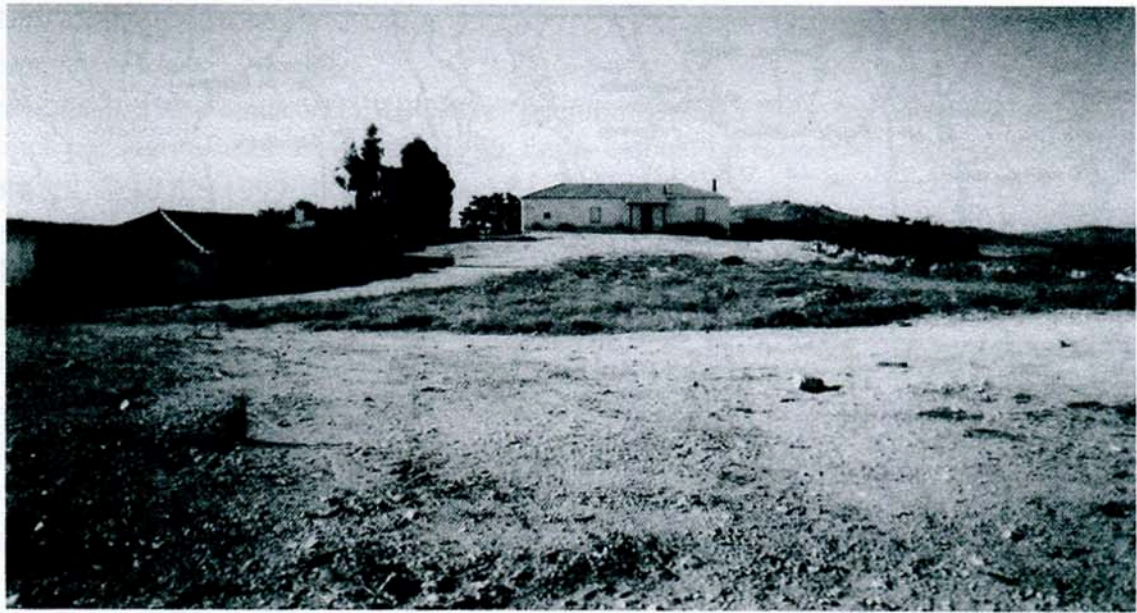
- 14 *Idem, idem*, pp. 186 e 189.
- 15 *Idem, idem, idem*.
- 16 *Idem, idem*, 191 e ainda VITERBO, Frei Joaquim de Santa Rosa de [1799] – *Elucidário...*, edição crítica por Mário Fiuza, 2º volume, 1996. Porto-Lisboa: Livraria Civilização, p. 495/496.
- 17 Cf. FERNANDES 1999: 489 (Porviços).
- 18 Cf. FERNANDES 1999: 501 e *idem* 2001:194.
- 19 Cf. *Segredos e virtudes das plantas medicinais*. Lisboa: Selecções do Reader's Digest, 1983, p. 330.
- 20 Cf. COIXÃO 2000:290, nº inv. 111/CFC.
- 21 *Idem, idem*, p. 226, nº inv. 013/CFC.
- 22 *Idem, idem*, p. 297, nº inv. 142/CFC.
- 23 *Idem, idem*, p. 297, nº inv. 141/CFC.
- 24 *Idem, idem*, p. 335, nº inv. 017/CFC; os sítios arqueológicos acima referidos encontram-se igualmente em ALARCÃO, J. de (1988) – *Roman Portugal*, vol. II, (Inventário), fasc. 1 Porto, Bragança & Viseu. Warminster: Aris & Phillips L^{td}., p. 53.
- 25 Cf. COSTA, M. Gonçalves (1979) – *História do Bispado e Cidade de Lamego*, vol. II, Idade Média: paróquias e conventos. Lamego, p. 228.
- 26 Cf. FERREIRA 1953: 227 e COIXÃO 2000: 383, nº inv. 096/CFC.
- 27 Esta base de coluna (ou parte de capitel dórico ?) em granito de grão grosseiro foi recolhido no Museu de Sítio de Ervamoira, onde se encontra exposta.
- 28 Cf. GUIMARÃES 1993: 224, 230 e 235.
- 29 Esta moeda foi estudada, em conjunto com as de Ervamoira, por Susana Guimarães em 1999: cf. GUIMARÃES, J. A. Gonçalves; GUIMARÃES, Susana (2005) - «A Numária de Ervamoira e a do Baixo Côa». In *Coavisão – cultura e ciência*, nº 7, 2005. Vila Nova de Foz Côa: Câmara Municipal, p. 280, Nota 2, onde igualmente podem ser encontradas as referências bibliográficas para o estudo desta moeda nas Notas 3 e 4.



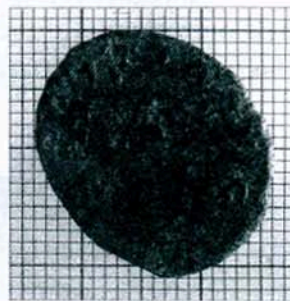
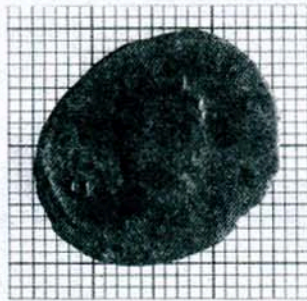
Localização da Quinta dos Bons Ares
e de outros sítios arqueológicos nas suas imediações
(*Carta de Portugal*, Instituto Geográfico e Cadastral, FL. 11, escala 1:100.000)



Casa da Quinta dos Bons Ares vista de Sudoeste



Casa da Quinta dos Bons Ares vista de Norte:
na área aplanada aparecem vestígios romanos



Quinta dos Bons Ares: bronze de Galieno (253-260)



Quinta dos Bons Ares:
materiais de construção romanos
(a escala tem 20 cm)



Quinta dos Bons Ares:
pondera (escala em cm)